

Uma origem para os carmelitas: a azulejaria do profeta Elias na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba colonial

André Cabral Honor

Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Instituto de Educação Superior da Paraíba – IESP. Autor de, entre outros artigos, “Educação e preservação de sítios arqueológicos”. *História & Ensino*, v. 13, 2007.

RESUMO:

Surgida no século XII, a Ordem do Carmo adota como seu fundador uma das figuras mais importantes do Antigo Testamento e da história católica: o Profeta Elias. O lapso temporal entre o surgimento efetivo dos carmelitas e a aparição do profeta suscitou diversos debates na Igreja Católica sobre a asseveração do profeta como fundador dos carmelitas. O presente artigo procura realizar um estudo iconológico de dois painéis de azulejaria da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na cidade da Paraíba colonial – atual João Pessoa – que retratam importantes passagens da vida do profeta Elias. Conectando essas imagens a outros elementos imagéticos da igreja é possível visualizar, dentro da cultura histórica carmelita, a importância que a figura do profeta Elias tem como alicerçador da primazia da antiguidade da Ordem Carmelita.

PALAVRAS-CHAVE: azulejaria; carmelitas; iconologia.

ABSTRACT:

Appeared in century XI, the Order of the Carmo adopts as its founder one of the figures most important of the Old Testament and history catholic: Elias Prophet. The secular lapse enters the effective sprouting of the Carmelites and the appearance of the prophet excited diverse debates in the Church Catholic on the affirmation of the prophet as founding of the Carmelites. The present article looks for to carry through a iconologic study of two panels of tiling of the Church of Ours Lady of the Carmo in the city of the “Paraiba colonial” – current João Pessoa – PB – that they portray important tickets of the life of Elias Prophet. Connecting these images to other imagetec elements of the church it is possible to visualize, inside of the Carmelite historical culture, the importance that the figure of Elias prophet has as warranter of the priority of the antiquity of the Carmelite Order.

KEYWORDS: tiles; carmelites, iconology.

Recebido em: 09/06/2009

Aprovado em: 05/08/2009

Uma origem para os carmelitas: a azulejaria do profeta Elias na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba colonial

Um nascimento nunca é fácil. E não poderia ser diferente, já que este inicia o fio de uma História que se propagará por tempo indeterminado. Seja uma criança, uma instituição ou uma crença, o seu fim é inevitável, porém imprevisível. O historiador, muitas vezes movido pela paixão inicial que a disciplina suscita, tende a acreditar que por possuir aquele fio de uma História inteiro em suas mãos, seu trabalho de interpretação será completo e perfeito. O que talvez ele não saiba é que o mesmo decorrer de tempo que lhe permite colocar aquela linha em cima da mesa de estudos é responsável por fragmentá-la. Olhando de perto, ele percebe que o fio não está inteiro: ele é feito de fiapos, meras fibras, quebradiças e subdivididas.

Olhando atentamente para essa linha, o historiador encontra mais dúvidas do que respostas concretas. Óbvio que, ao escrever suas suposições, ele irá preenchê-lo com argumentos e provas que lhe permitirão construir um relato. Tal qual a linha histórica dissecada, um bom texto historiográfico, quando analisado de perto, é cheio de pontas que podem levar por apaixonantes e inusitados caminhos. Cabe ao leitor, leigo ou cientista, aventurar-se a percorrê-los. A origem da Ordem Carmelita é uma dessas linhas históricas extremamente fragmentadas em que mito e realidade se misturam. Neste sentido o profeta Elias aparece nas alegorias

da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba colonial como um de seus fundadores mesmo tendo atuado no ano IX a.C., ou seja, muito antes da constituição da própria Igreja Católica.

Em 1675 eram publicados os volumes da *Acta Sanctorum*, uma espécie de compêndio da história da Igreja Católica Romana que causou um verdadeiro escândalo dentro da Ordem Carmelita. Escritos por representantes da corrente ideológica intitulada de reação feudal – que tinha como principal expoente o historiador francês Conde de Henri Boulainvilliers (1658-1722), defensor da nobreza feudal – os livros colocavam “[...] que a origem dos carmelitas não ia além do final do século XII, acrescentando que o padre Bertoldo tinha sido seu primeiro general”¹. A reação dos carmelitas é imediata: os volumes são entregues ao Tribunal da Inquisição, que rapidamente condenou essa contestação da paternidade da ordem. Apesar da condenação do Santo Tribunal, o Papa Inocêncio XII não ratifica esta sentença.

A partir de então é criada uma controvérsia dentro e fora da Ordem Carmelita sobre sua paternidade e antiguidade. Para compreender a importância dessa questão para os carmelitas e a necessidade que a ordem missionária tinha em conciliar seus dois “fundadores”, é necessário ir até o lugar em que o santo e o profeta realizaram suas maiores obras: um promontório intitulado Carmelo.

¹ Texto original: “[...] que el origen de los carmelitas no iba más allá de los fines del siglo XII, añadiendo que el padre Berthold había sido su primer general.”. SEBASTIAN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*. Madrid: Alianza Forma, 1989, p. 240. As traduções em espanhol são de Maria Luiza Teixeira Batista (DLEM/UFPB)

O Monte Carmelo se eleva entre os confins da Galiléia e Samaria, na Palestina. Limita pelo norte com Haifa, cidade marítima; pelo sul com as terras de Cesaréia; pelo leste com a planície do Esdrelon; e pelo oeste pelo Mar Mediterrâneo.²

Para o cristianismo o Monte Carmelo não é um lugar ordinário. Ele se encontra enraizado à cultura cristã como um ambiente sagrado por ter sido o local em que o profeta de ação³ Elias comprovou a fé num Deus verdadeiro, Javé⁴.

Sobre as origens de Elias nada se sabe, exceto que ele foi um Thesbita; se originário da Tisbe de Nephtali [1] (Tobit 1:2) [2] ou de Thesbon de Galaad, como nosso texto indica, não há certeza absoluta, embora a maioria dos acadêmicos, baseados no Septuagint [3] e em Josephus [4], considere a segunda opinião.⁵

Sua apresentação na Bíblia se faz de forma brusca. Sem nenhuma referência anterior, ele já surge como um importante profeta avisando ao rei Acab, que reinou Israel de 874 a 853 a.C., que sua heresia seria punida com um longo período de seca no seu reino: "Elias, tesbita, um dos habitantes

de Galaad, disse a Acab: 'Pela vida de lahweh, o Deus de Israel, a quem sirvo: não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser quando eu ordenar'⁶.

Acab era filho de Amri – que de acordo com a Bíblia foi o rei que "fez o mal aos olhos de lahweh, superando nisso todos os seus antecessores"⁷ – e assumiu o trono de Israel com a morte de seu pai. Seus atos seriam ainda mais pecaminosos do que os de Amri, agravados pelo fato de ter se casado com Jesabel, filha do rei dos Sidônios, povo que cultuava o deus Baal.

Como se lhe não bastasse imitar os pecados de Jerobão, filho de Nabat, desposou ainda Jesabel, filha de Etbaal, rei dos Sidônios, e passou a servir Baal e adorá-lo. Erigiu-lhe um altar no templo de Baal, que construiu em Samaria. Acab erigiu também um poste sagrado e cometeu ainda outros pecados, irritando lahweh, Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que o precederam.⁸

Elias pediu a um dos seus discípulos, de nome Abdias, que fosse até Acab para anunciar que o profeta se encontrava na região e demandava uma audiência com o rei. Acab aceitou o pedido e se encontrou com

² SCIADINI, Frei Patrício. *O Carmelo: História e espiritualidade*. São Roque: Edições Carmelitanas, 1993., p. 11.

³ Profetas de ação são aqueles que atuavam diretamente com a sociedade, distinguindo-se dos profetas escritores que faziam suas profecias através de textos escritos.

⁴ O Deus que aparecia para Elias pode ser chamado tanto Javé como lawé. No hebraico antigo não existiam vogais, somente consoantes, sendo assim, o nome do Deus bíblico era escrito como JHWH. Na fala—lembrando que, para os judeus, falar o nome de Deus era algo praticamente proibido devido a uma má interpretação do texto *não usarás o nome dele em vão...*—foram transliteradas inúmeras formas sendo as mais conhecidas Jeová e lahweh (ou Javé), isso porque a junção da vogal, adicionada pela fala judaica com o "H", formava o som do "J". Portanto Javé e lahweh se referem ao mesmo Deus. O nome Elias, em hebraico Elyahu significa "JHWH é o meu Deus". Fonte: BORRIELLO, L. *et al.* (dir.). *Dicionário de Mística*. Trad. Benoni Lemos *et al.* São Paulo: Paulus, 2003.

⁵ Texto original: "Of Elia's origin nothing is know, except that he was a Thesbite; whether from Thisbe of Nephtali (Tobit 1:2) or from Thesbon of Galaad, as our texts have it, is not absolutely certain, although most scholars, on the authority of the Septuagint and of Josephus, prefer the latter opinion". N.T. – [1] Naphtali (ou Nephtali) foi o sexto filho de Jacó e Bilhah. Também referido como uma das doze tribos de Israel. [2] Livro apócrifo da Bíblia. [3] Versão grega da Escritura Hebraica, datada do séc. III a.C., contendo tanto a tradução do hebraico quanto material extra, considerado texto base do Velho Testamento nos primeiros anos da Igreja Católica Romana e ainda texto canônico para católicos ortodoxos. [4] General judeu e historiador que participou da revolta dos Judeus contra os romanos. Escreveu a *História da Guerra Judaica*, principal fonte sobre o Cerco de Masada (72-73). Fonte: KNIGHT, Kevin (Ed.). *Catholic Encyclopedia*. [S.l.: s.n.], 1907. Disponível em: < <http://www.newadvent.org> >. Acesso em: 26 abr. 2008. As traduções do inglês são de Berttoni Cláudio Licarião (Yáziqi-João Pessoa).

⁶ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 17, vers. 1, p. 495.

⁷ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 16, vers. 25, p. 495.

⁸ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 1, vers. 31-33, p. 469.

Elias que propôs uma espécie de desafio entre os dois deuses – Javé e Baal – no intuito de desacreditar o baalismo.

Influenciado por sua esposa, Jesabel, Acab havia mandado matar todos os profetas de Javé⁹. Por ordem de Javé, Elias pediu ao Rei Acab que reunisse os seus 450 profetas em frente ao Monte Carmelo, onde sacrificaria um novilho enquanto os profetas de Baal fariam o mesmo. Aquele deus que acendesse a fogueira com os pedaços do sacrifício seria o verdadeiro. Os profetas de Baal clamaram da manhã até o meio dia e nada aconteceu. Somente após o visível fracasso dos profetas de Baal, Elias decidiu agir:

Tomou doze pedras, segundo o número das doze tribos de Jacó, a quem Deus se dirigia dizendo: “Teu nome será Israel”, e edificou com as pedras um altar ao nome de Iahweh. Fez em redor do altar um rego capaz de conter duas medidas de sementes. Empilhou a lenha, esquartejou o novilho e colocou-o sobre a lenha.¹⁰

Ordenou que enchessem quatro jarras grandes de água e que as derramassem sobre a lenha e o holocausto por três vezes. Fez uma oração e o fogo caiu do céu queimando a lenha, a carne, a pedra, o chão, secando totalmente a água da valeta. Aclamado, Elias ordenou à multidão que prendesse os 450 profetas de Baal: “Elias lhes disse: ‘Prendei os profetas de Baal; que nenhum deles escape!’ e eles os prenderam. Elias fê-los descer para perto da torrente do Quisom e lá os degolou”¹¹. No capítulo seguinte do relato

bíblico é dito que Elias matou todos os profetas à espada. Logo após, subiu ao alto do Monte Carmelo acompanhado de um servo, e prostrado no chão mandou que o mesmo olhasse por sete vezes seguidas em direção ao mar. Na sétima vez o servo viu uma nuvem, era o fim da seca intensa que assolara a região por três anos.

Toda essa seqüência de fatos encontra-se representada no painel E4 de azulejaria da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, do lado esquerdo¹² abaixo de um púlpito (Figura 1).

Construída na segunda metade do século XVIII, ornamentada com elementos Barrocos e Rococós, suas alegorias tem como objetivo introjetar dentro do cristão a cultura histórica carmelita no intuito de que sirva de modelo de transformação do indivíduo na busca do caminho da salvação.

É possível ver ao centro, construído com doze pedras, têm-se o altar, em cima do qual estão depositados os pedaços do novilho sacrificado, e ao seu redor a vala que Elias mandou cavar. Dentro dela destacam-se a figura do profeta Elias de braços erguidos para o céu, e a imagem de três homens sem camisa com jarras nas mãos derramando a água sobre a vala e o novilho esquartejado.

Atrás se encontram os profetas de Baal, dois em destaque, muito bem vestidos, em invocação ao seu deus num altar maior que o do plano principal (Figura 2). À direita está o Rei Acab com a mão levantada usando uma coroa (Figura 3) e, ao fundo da imagem, nota-se a chuva torrencial que viria acabar com a seca imposta por Javé. Na parte inferior do

⁹ Apesar de Abdias falar que escondeu e cuidou de cem profetas de Javé (1 REIS, 18), Elias se declara o único sobrevivente dos profetas de Javé. 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 18, vers. 22, p. 497.

¹⁰ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 18, vers. 31-33, p. 498.

¹¹ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 18, vers. 40, p. 498.

¹² O referencial para localização dos painéis de azulejaria será a perspectiva de uma pessoa que entra na Igreja de Nossa Senhora do Carmo pela porta principal. A letra é a localização, D (direito) e E (esquerdo), e o número (1 a 5) é a ordem crescente dos painéis na parede. Por exemplo: painel D4 - Quarto painel do lado direito.

painel vê-se uma pequena cartela, segurada por dois pequenos anjos, com três pequenas flores (Figura 4) que podem ser identificadas

como orquídeas devido ao seu bulbo central (formação de pétalas no centro da flor que se assemelha a um cálice).



Figura 1. Painel E4 – Elias e os profetas. Acervo Pessoal.



Figura 2. Detalhe do painel E4 – Profetas



Figura 3. Detalhe do painel E4 – Rei Acab.



Figura 4. Detalhe do painel E4 – Cartela com flores.

Segundo Chevalier e Gheerbrant, “São João da Cruz faz da flor a imagem das virtudes da alma, e do ramalhete que as reúne, a imagem da perfeição espiritual”¹³. A orquídea, símbolo da fertilidade, alude à bem aventurança fecundada por Javé aos seus seguidores naquele momento. O próprio sentido do verbo florescer é usado no Antigo Testamento como uma forma de união com Deus, como é possível ver nesta passagem:

lahweh falou a Moisés e disse: “Fala aos israelitas. Recebe deles, para cada casa patriarcal, uma vara; que todos o seus chefes, pelas suas casas patriarcais te entreguem doze varas. Escreverás o nome de cada um deles em sua própria vara; e na vara de Levi escreverás o nome de Aarão, visto que haverá uma vara para os chefes das casas patriarcais de Levi. Tu as colocará em seguida na Tenda de Reunião, diante do testemunho, onde eu me encontro contigo. O homem cuja vara florescer será o que escolhi; assim não deixarei chegar até mim as murmurações que os israelitas proferem contra vós.”¹⁴

O milagre operado por Elias, seguido do assassinio dos profetas de Baal, convenceu os súditos de Acab que Baal era um falso deus. Desta forma, o profeta restabelece, melhor dizendo, faz novamente florescer em seu povo a união com Javé.

Após o milagre no Monte Carmelo, Elias foi obrigado a fugir para o deserto devido às ameaças de Jesabel. Segundo o relato bíblico, Javé apareceu para o profeta e ordenou que fosse até o deserto de Damasco e lá ungisse Hazael como rei de Aram, Jeú como rei de Israel e Eliseu, filho de Safat, como o profeta que iria lhe suceder. O primeiro encontro de Elias e Eliseu não poderia ser mais significativo:

Partindo dali Elias encontrou Eliseu, filho de Safat enquanto trabalhava doze arapenes de terra, ele próprio no décimo segundo. Elias passou perto dele e lançou sobre ele seu manto. Eliseu abandonou seus bois, correu atrás de Elias e disse: “Deixa-me abraçar meu pai e minha mãe, depois te seguirei.” Elias respondeu: “Vai e volta, pois que te fiz eu?”¹⁵

¹³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 437.

¹⁴ NÚMEROS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 17, vers. 16-20, p. 228.

¹⁵ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap 19, vers. 19-20, p. 499.

O relato bíblico deixa claro que Eliseu seria o guia do povo do Reino de Israel, pois ele se achava conduzindo o décimo segundo arapene de terra quando Elias o encontrou, uma forma metafórica de se referir às doze tribos de Israel. O profeta Eliseu estava diretamente ligado à tribo de Rúben, primogênito de Jacó, o que o faz descendente da primeira ou da última tribo de Israel, dependendo da posição que se dê à tribo.

Ao vê-lo, Elias jogou seu manto sobre Eliseu. O manto representa um ritual de passagem e um ato de proteção. O monge ou monja que veste o hábito da ordem renuncia à vida terrena – Eliseu até se despede de seus pais – e se retira para junto de Deus. Como atributo dos reis, o manto alegoriza o ato de “assumir uma dignidade, uma função, um papel, de que a capa ou manto é emblema”¹⁶. Naquele momento Elias atribuiu a função que Javé havia designado: a de seguir o profeta e protegê-lo para que depois pudesse substituí-lo. “[...]e o que escapar da espada de Jeú, Eliseu o matará”¹⁷, diz Javé a Elias quando o manda tomá-lo como discípulo. A fala de Elias, “Vai e volta, pois que te fiz eu?”, reafirmava a importância do simbolismo do manto como portador de um papel, no caso, designado por Javé, que

também responde por proteger os profetas quando esses executam sua obra.

Acab morre com uma flechada numa batalha contra o rei da Síria e Acazias, seu filho, assume seu lugar como rei de Israel. De acordo com a Bíblia¹⁸, ele também prestava o culto a Baal, seguindo os passos de seu pai e de sua mãe, Jesabel. Logo após estes eventos Elias teria sido levado ao céu por Deus numa carruagem de fogo envolta em um redemoinho:

E aconteceu que, enquanto andavam e conversavam, eis que um carro de fogo e cavalos de fogo os separaram um do outro, e Elias subiu aos céus no turbilhão. Eliseu olhava e gritava: “Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!”. Depois não mais o viu e, tomando as suas vestes, rasgou-as em duas. Apanhou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a beira do Jordão, onde ficou.¹⁹

Cena comum na iconografia religiosa, a subida do profeta Elias ao céu também se encontra representada na azulejaria da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, mais especificamente no painel D4 (Figura 5). Sentado numa carruagem puxada por cavalos que trotam sobre as nuvens, rodeados por singelas labaredas de fogo (Figura 6), está Elias usando o escapulário da Ordem Carmelita²⁰.

¹⁶ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 589.

¹⁷ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 19, vers. 17, p. 499.

¹⁸ 1 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 22, p. 503-505.

¹⁹ 2 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 2, vers. 11-13, p. 508.

²⁰ O escapulário é uma peça de roupa, uma espécie de poncho oval e branco, que é usado por cima do hábito da ordem. Com o tempo, foi substituído por pequenos cordões com duas imagens, uma em cada extremidade, chamados de bentinhos. Bastante populares no Brasil, possuem o mesmo significado simbólico de proteção. Fonte: ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de. *Hagiografia carmelitana: espiritualidade*. João Pessoa: A União, 2001.



Figura 5. Painel D4 – Elias e Eliseu. Acervo Pessoal.



Figura 6. Detalhe do painel D4 – Labaredas.

Ajoelhado perante a carruagem, usando uma capa comprida, encontra-se Eliseu de braços abertos recebendo o manto que Elias lhe entrega. Ao fundo vê-se um rio, provavelmente o Jordão, local onde Eliseu realizou seu primeiro milagre como sucessor de Elias. Pouco antes de ser arrebatado para o céu, Elias havia aberto as águas do rio Jordão batendo com seu manto em suas águas. Toda essa cena foi observada de longe por cinquenta discípulos de Javé. Quando Elias some no carro de fogo, Eliseu rasga as suas vestes, pega o manto caído e volta ao Jordão:

Tomou o manto de Elias que havia caído dele e bateu com ele nas águas dizendo: “Onde está Iahweh, o Deus de Elias?” Bateu também nas águas que se dividiram de um lado e de outro, e Eliseu atravessou o rio. Os irmãos profetas de Jericó viram-no a distância e disseram: “O espírito de Elias repousa sobre Eliseu”; vieram ao seu encontro e se prostraram por terra, diante dele.²¹

Qualquer dúvida que pudesse pairar sobre a sucessão de Elias se extingue com a apropriação do manto de Elias por Eliseu, objeto que lhe permite realizar seu primeiro milagre. Como é dito pelos profetas de Javé,

²¹ 2 REIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap 2, vers. 14-15, p. 508.

“O espírito de Elias repousa sobre Eliseu”, o que torna a figura de Eliseu indissociável de seu mentor, tanto que, no altar-mor da Igreja do Carmo (Figura 7), os dois aparecem lado a lado nas laterais do altar, dividindo a cena – nenhum santo tem essa *honra* – com Nossa Senhora do Carmo. Contudo vale lembrar que suas imagens encontram-se abaixo da santa, como se eles abrissem espaço para a glorificação da grande mãe dos carmelitas.²²

Na parte inferior do painel, existem dois anjos que seguram uma cartela com a iconografia de uma árvore (Figura 8). Ela conecta o céu à terra devido a seu crescimento vertical. Da mesma forma, a carruagem que arrebatou Elias também é um símbolo de ligação entre o terreno e o divino, já que ela foi mandada por Javé para levar o profeta ao céu. Como as folhas secam e caem durante o outono para depois se renovarem,



Figura 7. Altar-mor. Acervo Pessoal.



Figura 8. Árvore – Detalhe da do painel D4.

²² À época da fotografia (fig. 7), a imagem de Nossa Senhora do Carmo havia sido retirada do camarim e transportada para a galeria de imagens sacras que se encontrava na parte superior do corredor lateral esquerdo da igreja. Com a desativação da galeria, e transformação do espaço na oficina de restauração das tábuas do forro da igreja, a imagem voltou ao seu lugar original.

a imagem da árvore também está associada à idéia de ressurreição e de vitória da vida sobre a morte. De acordo com Manfred Lurker:

A árvore, associada ao ritmo das estações e portadora dos frutos, convertia-se em revelação de vida para os povos que viviam na orla de desertos e rondavam pelas estepes. Profundamente enraizada na terra, a árvore atinge uma altura que ultrapassa a de todos os seres vivos, o que levou à idéia da árvore do mundo que liga entre si o céu e a terra.²³

Elias não morre, ele sobe ao céu. Tanto que numa passagem da Bíblia que narra fatos posteriores a sua ascensão, ele envia uma carta ao rei Jeorão alertando que este não vinha seguindo os passos do seu pai, Josafá, que andava se desviando do caminho de Deus²⁴.

A descrição da passagem de Elias sobre o mundo terreno está centrada no conflito entre a adoração a Baal, difundida por Acab e Jesabel, e o culto a Javé, pregado por Elias. Em termos de alegoria, representa-se o eterno conflito entre a vida (Javé) e a morte (Baal). De acordo com Borriello:

Parece que à luz dessa polêmica entre vida (= o Senhor) e morte (= Baal) pode-se compreender melhor o fim misterioso experimentado por E. [Elias], ou seja, o seu arrebatamento ao céu sem passar pela morte. Sendo o herói do Deus vivo e doador da vida, E. não morre como Baal e seus devotos, mas vive junto ao senhor da vida.²⁵

A própria vinda da carruagem de fogo é uma antecipação da descida do Espírito Santo em forma de língua de fogo, "Apareceram-lhe, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles [os apóstolos]. E todos ficaram repletos do Espírito Santo [...]"²⁶. A representação de Deus como um fogo que não queima também pode ser encontrada no Antigo Testamento no primeiro encontro de Deus com Moisés "O anjo de lahweh lhe apareceu numa chama de fogo, no meio de uma sarça"²⁷, e na coluna de fogo, "[...] tu, lahweh, cuja nuvem paira sobre eles, que tu marchas diante deles, de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo."²⁸

Traça-se um paralelo situacional entre o arrebatamento de Elias e a ascensão de Jesus ao céu, "Dito isto, foi elevado à vista deles [os apóstolos], e uma nuvem o ocultou aos seus olhos".²⁹ O paralelo entre Elias e Cristo também está colocado na alegoria da árvore da vida, pois ambos são "testemunhas do Deus vivo que dá a vida aos homens"³⁰. A árvore da vida está presente tanto no livro do Gênesis, "lahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e árvore da vida no meio do jardim [...]"³¹, quanto no Apocalipse, "No meio da praça, de um lado e do outro do rio, há árvores da vida que frutificam doze vezes,

²³ LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2006, p. 16.

²⁴ 2 CRÔNICAS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 21, vers. 12-15, p. 607.

²⁵ BORRIELLO, L. et al. (dir.). *Dicionário de Mística*. Trad. Benoni Lemos et al. São Paulo: Paulus, 2003, p. 351.

²⁶ ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 2, vers. 3-4, p. 1902.

²⁷ ÊXODO. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 3, vers. 2, p. 105-106.

²⁸ NÚMEROS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 14, vers. 14, p. 223.

²⁹ ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 1, vers. 9, p. 1901. De acordo com BORRIELLO, L. et al. (dir.). *Dicionário de Mística*. Trad. Benoni Lemos et al. São Paulo: Paulus, 2003, p. 351: "Trata-se de paralelos verbais e gramaticais e de paralelos situacionais (isto é, situações semelhantes, e assim por diante): Lc 7, 11-17 (o filho da viúva de Naim) e 1Rs 17, 17-24 (o filho da viúva de Sarepta); Lc 24, 49-53 e At. 1, 1-12 (a ascensão de Jesus) e 2Rs 2, 1-14 (O arrebatamento de E.); Jo 1, 43 (o chamado de Filipe) e 1Rs 19, 19-21 (o chamado de Eliseu); Jo 4, 1-26 (a mulher [sem marido] samaritana) e 1Rs 17, 7-24 (a viúva de Sarepta); Jo 14, 13 ('O que pedides em meu nome, farei') e 2Rs 2,9 ('Pede o que te devo fazer'); Jo 13, 33 e 2Rs 2,15-18 etc."

³⁰ BORRIELLO, L. et al. (dir.). *Dicionário de Mística*. Trad. Benoni Lemos et al. São Paulo: Paulus, 2003, p. 351.

³¹ GÊNESIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 2, vers. 9, p. 36.

dando fruto a cada mês; e suas folhas servem para curar as nações.”³² Na passagem da transfiguração de Cristo, Elias aparece ao lado de Moisés como um dos dois profetas mais importantes do Cristianismo, “E eis que lhe aparecem Moisés e Elias conversando com ele [Jesus].”³³

As duas representações encontram-se embaixo de púlpitos de madeira ornados com volutas (Figura 9 e 10). O púlpito é uma derivação do ambon cristão. A presença de dois púlpitos numa Igreja remete a essas antigas tribunas de leitura, pois a do lado sul

servia para leitura das epístolas e a que ficava ao norte era usada para a leitura dos evangelhos. Como se pode ver na planta baixa no Anexo II, o frontão da Igreja está voltado para o oeste, portanto o púlpito que se encontra do lado direito com o painel do arrebatamento de Elias é o local onde deveriam ser lidas as epístolas; do lado esquerdo, onde se vê a representação do milagre de Elias no Carmelo, deveria ser lido o evangelho. De acordo com Wilfried Koch³⁴, desde a Idade Média, do lado direito ficavam os homens e do lado esquerdo, as mulheres.



Figura 9. Púlpito Direito. Acervo pessoal.



Figura 10. Púlpito Esquerdo. Acervo pessoal.

³² APOCALIPSE. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 22, vers. 2, p. 2166.

³³ MATEUS. In: BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006. Cap. 17, vers. 3, p. 1735.

³⁴ KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. 2. ed. Trad. Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Para os fiéis, que assistem ao ritual da missa em latim, o púlpito se coloca como um dos locais mais importantes da celebração. Além da leitura dos evangelhos e das epístolas, o púlpito é o lugar onde o sermão acontece. Sua importância se dá não só por ele ser proclamado na língua vernácula, mas também porque abriga o momento, no ritual litúrgico, em que o pároco fala diretamente ao fiel. Escolher duas cenas da vida de Elias para compor um dos espaços mais importantes dentro da igreja demonstra o peso que a imagem do profeta tem na constituição da Ordem Carmelita. Portanto, trata-se de um local estratégico, para onde todos devem olhar em determinado momento da missa, reforçando a presença de Elias no imaginário da Ordem Carmelita.

De acordo com Heinz-Mohr, Elias “é considerado o primeiro eremita, tornando-se paradigma dos padres do deserto do Egito e dos monges gregos de Atos [Atos dos apóstolos] [...]”³⁵. É por volta do século IX a.C. que o monte Carmelo torna-se um lugar de peregrinação e de meditação. Eremitas e monges migravam para o local no intuito de morar em suas cavernas e grutas, procurando uma vida de contemplação religiosa. A fama do Monte Carmelo e das pessoas que lá viviam espalhou-se pela Europa de tal forma que o imperador romano Vespasiano (69-79 d.C.)³⁶ se dirigiu ao local para obter dos eremitas que lá viviam a benção divina para empreender a Guerra da Judéia.

Esse fato, trazido por F. A. Pereira da Costa³⁷, não deve levar à errônea conclusão de que o imperador romano Vespasiano era cristão. Em meados do século I, os evangelhos ainda estavam por ser escritos e o cristianismo ainda se encontrava em fase de expansão por meio da ação dos apóstolos. Os eremitas do Monte Carmelo provavelmente eram seguidores do profeta Elias, porém a aura mística que o local havia adquirido deve ter atraído pessoas de outras crenças religiosas, como o então predominante paganismo romano. Posteriormente, parte desses homens se converteria à fé cristã.

Mais tarde, quando os apóstolos espalharam pelo mundo a luz dos Evangelhos, e convertidos então os carmelitas a fé cristã, refundiram o seu instituto segundo os princípios da nova lei. Nessa fase do seu desenvolvimento histórico são eles chamados: ora Terapeutas, Eremitas ou Anacoretas, ora Solitários, Ascetas ou Cenobitas. [...] Sob o abrigo das cavernas do monte Carmelo permaneceram ainda os religiosos por dilatados anos, até que no século V, e antes da invasão dos sarracenos, fundaram, propriamente dito, um **mosteiro** de anacoretas submetidos às regras de S. Basílio, ou, segundo outra versão, sob o regime de uma regra escrita no ano de 412, no idioma grego, pelo venerável João Silvano XLIV, patriarca de Jerusalém – tal como foi ditada pelos exemplos do profeta Elias. – É esta a primeira regra dos carmelitas, historicamente comprovada.³⁸

A tentativa de estabelecer a Ordem Carmelita como a mais antiga de todas está

³⁵ HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 142.

³⁶ Vespasiano foi o primeiro imperador da época intitulada “paz romana”, período de apogeu do Império Romano, inaugurando a dinastia Flaviana. Militar de renome, além de reprimir violentamente a revolta dos judeus na Judéia (Guerra da Judéia), comandou a conquista da ilha de Wright, restaurou as finanças do Império, proclamou-se imperador no Egito, reprimiu revoltas, aumentou a arrecadação dos impostos pelo Estado e construiu o anfiteatro Flaviano, mais conhecido como Coliseu de Roma. Fonte: KNIGHT, Kevin (Ed.). *Catholic Encyclopedia*. [S.l.: s.n.], 1907. Disponível em: < <http://www.newadvent.org> > . Acesso em: 26 abr. 2008.

³⁷ COSTA, F. A. Pereira da. *A ordem carmelitana em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976.

³⁸ COSTA, F. A. Pereira da. *A ordem carmelitana em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976, p. 18, grifo meu.

bastante clara no trecho citado acima. Não há indícios documentais que venham afirmar que os religiosos do Monte Carmelo tivessem adotado a regra de São Basílio³⁹, ou mesmo a regra escrita por João Silvano XLIV. Quando o autor afirma *historicamente comprovada*, deve-se entender que a regra escrita em grego por João Silvano XLIV sobreviveu até os dias atuais, enquanto que a regra de São Basílio perdeu-se no curso do tempo. O autor toma este indício como evidência que provaria a antiguidade da Ordem Carmelita.

É certo que Maria foi escolhida, desde o princípio, como patrona da ordem. Os fundadores do Carmelo viam na figura de Nossa Senhora a personificação da mais perfeita união com Deus, já que esta se entregou de corpo e alma aos seus desígnios. Fundada a ordem, esses primeiros carmelitas passaram a viver como eremitãos no Monte Carmelo, a exemplo da grande figura inspiradora do movimento, o profeta Elias. Ele passou a ser saudado como o fundador dos carmelitas, até mesmo por ter sido o primeiro eremita. No entanto, tal alcunha levanta um problema temporal, pois os monges que no Monte Carmelo viviam só passaram a se reconhecer como pertencentes a uma Ordem religiosa cristã, a de Nossa Senhora do Carmo, a partir do século XI d. C. e Elias viveu por volta do século IX a.C. Quase dois mil anos

separam, portanto, o seu fundador da fundação efetiva de "sua" ordem.

Tal questão parece ter sido de extrema polêmica à época, já que foi necessária a "aprovação pontífica de Honório III e Gregório IX em 1229"⁴⁰ para a confirmação de Elias como patriarca da ordem. Ou seja, o patriarca e fundador da Ordem Carmelita o é de direito, mas não o foi de fato. Contudo, durante alguns séculos a ordem o considerava "seu verdadeiro fundador no sentido estrito da palavra"⁴¹.

Em algumas representações iconográficas de Elias, dentre elas a imagem do século XVIII existente no altar-mor da Igreja do Carmo em João Pessoa (Figura 11) e no painel D2 (Figura 12) do mesmo templo, o profeta aparece segurando uma pequena Igreja em uma das mãos. Segundo Heinz-Mohr "com um modelo de Igreja na mão aparecem, além dos eventuais **fundadores**, os grandes doutores da Igreja [...]"⁴². Corroborando com a afirmação o fato que em 1725 permitiu-se "a construção de uma estátua de Santo Elias na Basílica do Vaticano entre os fundadores das ordens"⁴³ cujo custo foi repartido entre as seções da Ordem Carmelita.

Em 1571 o Padre Antonio Gonçalves escreve o *Compendio das Chronicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, que trata da regra carmelitana e da própria história da

³⁹ Basílio (329-379 d.C.) foi padre da Igreja no Oriente chegando a ser, em 370 d. C., o bispo de Cesaréia. Abandonou o cargo para viver de forma monástica e foi o criador das regras monásticas—eram apenas duas—que serviriam, mais tarde, de inspiração para São Bento. Fonte: KNIGHT, Kevin (Ed.). *Catholic Encyclopedia*. [S.l.: s.n.], 1907. Disponível em: < <http://www.newadvent.org> > . Acesso em: 26 abr. 2008.

⁴⁰ MORIONES, Idelfonso. *O Carmelo Teresiano: páginas de sua História*. Trad. Vitória. Disponível em: < http://www.ocd.pcn.net/hp_1.htm#1 > . Acesso em: 29 dez. 2007.

⁴¹ MORIONES, Idelfonso. *O Carmelo Teresiano: páginas de sua História*. Trad. Vitória. Disponível em: < http://www.ocd.pcn.net/hp_1.htm#1 > . Acesso em: 29 dez. 2007.

⁴² HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 183, grifo meu.

⁴³ Texto original: "[...] it permitted the erection of a statue of St. Elias in the Vatican Basilica among the founders of orders (1725)". KNIGHT, Kevin (Ed.). *Catholic Encyclopedia*. [S.l.: s.n.], 1907. Disponível em: < <http://www.newadvent.org> > . Acesso em: 26 abr. 2008.



Figura 11. Estátua do Profeta Elias – Altar-mor. Acervo Pessoal.



Figura 12. Estátua do Profeta Elias – Painel D2. Acervo Pessoal.

ordem. Mesmo sem expressar claramente, é possível perceber na escrita do padre a preocupação com o lapso temporal que existe entre o surgimento efetivo da ordem e a presença do profeta Elias no Monte Carmelo. No Capítulo 14, intitulado “No qual se declara o mistério da nuvem que o discípulo do profeta viu sair do mar no monte carmo, e como significou a virgem gloriosa nossa senhora”⁴⁴, o autor realiza uma interessante explicação para a atribuição da fundação da Ordem a Elias. Segundo ele, a nuvem que o discípulo de Elias vê, quando sobe no Monte Carmelo após o massacre dos profetas de Baal, é uma alegoria para Nossa Senhora.

O autor realiza um estudo comparativo levantando, dentro das passagens bíblicas, os

momentos em que as nuvens aparecem como símbolo divino e os autores que a relacionam com a imagem de Maria:

Nam he isto meu: mas do sancto pónfice Medionalnenfe Ambrosio declarando aquelle passo de Esaias em que diz. O senhor assentando sobre a nuvem leve vem a egipto que significa a aflição deste misero mundo, ao qual vem Deos pela virgem significada pela nuvem, e era leve porque era virgem sem alguma carga de corrupção. O bem aventurado Sam Crisostomo declarando o mesmo lugar, entende por esta nuvem a carne que Christo recebeu no ventre virginal da gloriosa padroeira nossa, e ally o entende nicholao de lira. [...]. O docissimo Sam Jeronimo expondo o mesmo lugar de esaias diz. a nuvem leve, he o corpo da virgem gloriosa; [...].⁴⁵

⁴⁴ GONÇALVES, Padre Antonio. *Compendio das Chronicas da Ordé de Nossa Senhora do Carmo*. [S.l.: s.n.], 1571, p. 57. Disponível em: < http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFL037727/ULFL037727_item1/ > . Acesso em: 12 out. 2008. Obs: Para as citações de Gonçalves (1571) optei, para que haja uma melhor compreensão do texto, por desdobrar as abreviaturas e substituir as letras “f” por “s”, quando necessário.

⁴⁵ GONÇALVES, Padre Antonio. *Compendio das Chronicas da Ordé de Nossa Senhora do Carmo*. [S.l.: s.n.], 1571, p. 57. Disponível em: < http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFL037727/ULFL037727_item1/ > . Acesso em: 12 out. 2008.

Se Maria é representada como uma nuvem, na leitura alegórica das escrituras, Elias se torna o fundador de fato da Ordem Carmelita, pois é ele quem traz a amada mãe para o Monte Carmelo. Aquela área infértil, que sofria com uma seca de três anos imposta por Javé, frutificaria a partir da chegada da nuvem de chuva.

Pois que mais fundamental causa se, pode achar que com mais razão possa dar nome, que aqueles frades fé chamem de Nossa Senhora Virgem gloriosa Maria, cujo fundador em espirito prophético a mostrou ao mundo, mil annos antes que ella nascesse?⁴⁶

Estabelecer um vínculo direto com Elias, se colocando como descendente de uma cultura fundada pelo profeta, proporciona a Ordem Carmelita uma vantagem acima das outras. Seu fundador não poderia ser mais perfeito, comparando-se ao próprio Cristo. Soma-se a esse fato, a adoção, como matrona da ordem, a maior figura feminina do cristianismo: Maria. Em parte, isso explica o porquê das demais ordens religiosas contestarem a paternidade do Carmo ao profeta Elias e a necessidade de os frades se reafirmarem como seus descendentes diretos.

Como já foi dito, as alegorias da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na Paraíba colonial buscam, por meio da História da Ordem Carmelita, introjetar um modelo de conduta cristão que conduza o fiel pelo caminho da salvação. Desta forma, o profeta Elias se apresenta como o exemplo máximo de dedicação a Deus, sendo visto, até os dias atuais, como a figura que inspirou toda a cultura histórica carmelita.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de. *Hagiografia carmelitana: espiritualidade*. João Pessoa: A União, 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. 4 reimp. São Paulo: Paulus, 2006.

BORRIELLO, L. *et al.* (dir.). *Dicionário de Mística*. Trad. Benoni Lemos *et al.* São Paulo: Paulus, 2003.

COSTA, F. A. Pereira da. *A ordem carmelitana em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

GONÇALVES, Padre Antonio. *Compendio das Chronicas da Ordé de Nossa Senhora do Carmo*. [S.l.: s.n.], 1571, p. 57. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFL037727/ULFL037727_item1/>. Acesso em: 12 out. 2008.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

KNIGHT, Kevin (Ed.). *Catholic Encyclopedia*. [S.l.: s.n.], 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org>>. Acesso em: 26 abr. 2008. As traduções do inglês são de Berttoni Cláudio Licarião (Yázigi-João Pessoa).

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. 2. ed. Trad. Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIONES, Idelfonso. *O Carmelo Teresiano: páginas de sua História*. Trad. Vitória. Disponível em: <http://www.ocd.pcn.net/hp_1.htm#1>. Acesso em: 29 dez. 2007.

SCIADINI, Frei Patrício. *O Carmelo: História e espiritualidade*. São Roque: Edições Carmelitanas, 1993.

SEBASTIAN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*. Madrid: Alianza Forma, 1989.

⁴⁶ GONÇALVES, Padre Antonio. *Compendio das Chronicas da Ordé de Nossa Senhora do Carmo*. [S.l.: s.n.], 1571, p. 58. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFL037727/ULFL037727_item1/>. Acesso em: 12 out. 2008.